

Ao iniciar seu pronunciamento na reunião ministerial o sr. Dílson Funaro disse uma frase que, aparentemente, daria o tom ao que ia dizer depois: "Uma economia inflacionária inibe sempre o crescimento a longo prazo e acarreta a injustiça social". Esperava-se que, em seguida, o ministro da Fazenda fosse explicar a seus pares seu plano de combate contra a inflação do próximo ano. A decepção dos outros ministros deve ter sido grande: eles ouviram apenas uma explanação sobre o grande sucesso do Plano Cruzado. Segundo o novo porta-voz presidencial, o ministro Celso Furtado, a reunião encerrou-se com a convicção geral de que os ganhos reais obtidos pelos salários nos primeiros dez meses de vigência do Plano Cruzado devem ser mantidos.

Como os autores do Plano Cruzado frisaram, no dia 28 de fevereiro, que, no tocante à redistribuição da renda, o programa de estabilização econômica era neutro, causou-nos surpresa ouvir agora o ministro Dílson Funaro declarar que seu plano promoveu a maior redistribuição de renda da história econômica do Brasil e afirmar, com ar triunfante, que a renda pessoal cresceu para todas as faixas, mas, principalmente, para os

trabalhadores de mais baixo rendimento — conforme o comprovam sobejamente os gráficos exibidos aos ministros que participaram dessa reunião de 11 horas.

Com absoluta tranqüilidade, o ministro da Fazenda sustenta que o crescimento acelerado esbarrou em problemas típicos de uma economia recém-saída de recessão prolongada: aumento de demanda superior ao da produção, pressões sobre importações e deslocamento de venda dos mercados externos para o mercado interno. Mas, segundo ele, o Plano Cruzado II está resolvendo todos esses embaraços. O governo, disse ele, elevou os preços e as tarifas de bens e serviços não essenciais (entre outros, os serviços de transportes públicos e energia elétrica...). Com isso, haverá um ordenamento do crescimento e do consumo familiar e aumentará a capacidade de concorrência dos produtos brasileiros no Exterior.

O ministro parece falar de outro país, não deste, que está na iminência de sofrer novo estouro de inflação, que nem sequer é assunto de discussão. Embora a situação cambial seja dramática, o ministro da Fazenda só menciona o bom andamento da renegociação da dívida externa, esquecendo-se de que, mesmo

se chegar a bom termo, o governo terá de executar uma política de grande austeridade, depois de ter dissipado as reservas cambiais com a importação de cerveja.

O ministro do Planejamento, sr. João Sayad, não se mostra menos otimista — nem poderia, após ter ouvido o presidente falar nas perspectivas de Brasil Grande... Mostrou-se apenas um pouco mais "economista". Do mesmo modo que o titular da Pasta da Fazenda, reconhece ele que o Plano Cruzado acabou consistindo na mais concreta medida de redistribuição de renda e alude aos enormes benefícios colhidos pelo País graças ao Plano Cruzado. Segundo ele, o governo obteve pleno êxito no combate às expectativas de inflação, afirmação que parece atestar que o ministro permanece enclausurado em seu gabinete e não ouve o que dizem os empresários nem observa a evolução das taxas de juros... É verdade que faz, afinal, uma ressalva: diz que o congelamento geral dos preços, que já começa a ser substituído por um sistema de rigorosa administração dos mesmos, necessita, para ter êxito, de ação competente e oportuna do governo. Mas logo nos tranqüiliza, argumentando que agora, com a maior transparência (quem duvidaria disto?) das contas públicas, tal

perigo não existe. Aliás, tendo reformulado o conceito de déficit público e transferido para o ano vindouro os atrasos nos pagamentos de suas contas, o atual governo conseguiu oferecer-nos um déficit menor do que o de 1984. Provando sua eficiência, o governo conseguiu encaminhar (apenas encaminhar...) a privatização de duas empresas estatais e vai dar seguimento (no mesmo ritmo?) a esse processo, que mostra não ser ele socializante.

A essas arengas, seguem-se alinhamentos de estatísticas destinadas a demonstrar que nunca se investiu tanto no Brasil. Embora o ministro da Seplan se mostre muito lacônico no tocante à atuação social do finado BNH, que financiou o menor número de casas populares em todo o seu tempo de existência (talvez sua *causa mortis*), enalteceu ele a ação social do governo no tempo do Plano Cruzado.

Vê-se claramente que o governo não está preparado para enfrentar os problemas reais do País, que não sabe o que irá fazer diante da inflação que contamina a economia nacional. Apenas decidiu, por decreto presidencial, que não haverá recessão. Que país é este?! Certamente, não é o Brasil de dezembro de 1986...